

# TOCAR, AMASSAR E PISAR: UM RELATO SOBRE EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS COM ARGILA PARA CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Beatriz Costa Pinto <sup>1</sup>

## RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo descrever uma vivência sensorial realizada com crianças bem pequenas, com aproximadamente dois anos de idade, durante uma proposta de exploração livre com argila, desenvolvida em um Centro de Educação Infantil localizado na cidade de Recife/PE. A atividade foi planejada com o intuito de ampliar as possibilidades expressivas, perceptivas e motoras das crianças por meio do contato com materiais naturais, promovendo experiências estéticas e significativas no cotidiano da educação infantil. A proposta foi organizada em um espaço externo da escola, com o solo coberto por lona e grandes porções de argila dispostas diretamente sobre o chão. O relato se baseia em uma breve pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, utilizando registros fotográficos e escritos de observação. A vivência foi acompanhada por um mês, com sessões semanais, nas quais foi possível observar que as crianças demonstraram grande envolvimento na interação com o material, explorando-o com as mãos, pés e todo o corpo. Tocaram, amassaram, pisaram e moldaram livremente, evidenciando interesse e iniciativa nas descobertas tátteis e visuais proporcionadas pela argila. Durante a experiência, foram percebidos avanços na coordenação motora, nas interações sociais e na autonomia, com cada criança se relacionando com o material de maneira única. De acordo com Borgo (2018), a argila, por sua plasticidade e origem natural, favorece o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da expressão na infância. Assim, o uso da argila contribui para a valorização da linguagem corporal e sensorial, reafirmando o papel do educador como mediador atento às necessidades e potenciais de cada criança.

**Palavras-chave:** Argila, Sensorial, Crianças bem pequenas, Exploração livre.

## INTRODUÇÃO

O brincar é reconhecido como uma dimensão central na Educação Infantil, representando uma forma privilegiada de aprendizagem, expressão e construção de sentidos sobre o mundo. Nas crianças de 1 e 2 anos, essa dimensão assume contornos singulares, pois é nesse período que se inicia a consciência de si mesmas como sujeitos ativos, capazes de agir sobre o ambiente e interagir com os outros de maneira intencional. De acordo com Wallon (1995), o desenvolvimento da consciência corporal, a percepção sensorial e a capacidade de estabelecer vínculos afetivos com pessoas e objetos constituem elementos fundamentais para que a criança se reconheça como protagonista de suas experiências. Nesse contexto, proporcionar experiências que valorizem a

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [beatrix.pinto@ufpe.br](mailto:beatrix.pinto@ufpe.br).

exploração sensorial é essencial para o fortalecimento da autonomia, da criatividade e do protagonismo infantil.

Materiais naturais, como a argila, oferecem condições privilegiadas para esse tipo de exploração, pois permitem que as crianças manipulem, amassem, moldem e transformem elementos concretos do mundo. Borgo (2018) destaca que a plasticidade da argila favorece a expressão de emoções, o desenvolvimento da imaginação e o contato com diferentes linguagens, incluindo a corporal, a visual e a tátil. Ao interagir com a argila, a criança não apenas experimenta novas sensações, mas também aprende por meio da investigação e da experimentação, desenvolvendo habilidades cognitivas, motoras e socioafetivas de forma integrada. A possibilidade de exploração livre, sem um resultado pré-determinado, estimula a criatividade e permite que cada criança construa significados próprios a partir da experiência, reafirmando o reconhecimento de si como sujeito.

O espaço em que essas experiências ocorrem também exerce papel determinante no processo de aprendizagem. Ambientes organizados intencionalmente pelo educador, que consideram a faixa etária, os interesses e as necessidades das crianças, ampliam as oportunidades de exploração e expressão. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) ressaltam a importância de espaços que favoreçam a autonomia, a interação e a expressão criativa, reconhecendo o brincar como direito fundamental e eixo estruturante do currículo. Assim, o ambiente deixa de ser apenas cenário para se tornar mediador das experiências infantis, potencializando descobertas e aprendizagens.

O papel do educador, nesse contexto, transcende a função de observador ou facilitador pontual. Conforme Edwards, Gandini e Forman (2016), o professor atua como mediador sensível, planejando e organizando o espaço, selecionando materiais e intervindo de forma ponderada, de modo a apoiar as iniciativas das crianças sem restringir sua autonomia. A presença atenta do educador permite acompanhar o ritmo individual, estimular a exploração, favorecer interações sociais e registrar progressos, garantindo que cada experiência seja significativa.

Diante disso, o presente relato de experiência teve como objetivo descrever e analisar a vivência sensorial com argila realizada com crianças de 1 e 2 anos em um Centro de Educação Infantil em Recife/PE. Busca-se compreender como a exploração do material favoreceu o desenvolvimento integral das crianças, a expressão de múltiplas linguagens e o reconhecimento delas como sujeitos ativos, capazes de investigar, criar e construir conhecimento de maneira autônoma e significativa. Ao trazer à tona essas

experiências, o estudo contribui para a reflexão sobre práticas pedagógicas sensíveis, inovadoras e fundamentadas na valorização do brincar e da exploração sensorial na primeira infância.

## METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência, abordagem metodológica que possibilita descrever, analisar e refletir sobre práticas pedagógicas a partir da observação direta das crianças e do contexto em que as atividades são realizadas (SÁ, 2007). A pesquisa foi conduzida em uma turma do Grupo 1, composta por crianças de 1 e 2 anos, em um Centro de Educação Infantil localizado em Recife/PE. A turma contava com 11 crianças, divididas em dois grupos: cinco crianças de 1 ano e seis crianças de 2 anos, permitindo observar as particularidades de cada faixa etária na interação com o material natural.

As vivências ocorreram em um ambiente previamente preparado, um espaço anexado a sala de referência do grupo. O chão foi coberto por papel kraft madeira, sobre o qual uma grande porção de argila foi distribuída, proporcionando liberdade para que as crianças manipulassem o material com todo o corpo, explorando texturas, cores, formas e temperaturas. Essa organização do espaço buscou garantir segurança, conforto e condições adequadas para que cada criança pudesse se apropriar do material de maneira autônoma, respeitando seu ritmo e suas escolhas individuais.

Cada sessão tinha duração aproximada de 30 minutos, dividida entre momentos de exploração livre e o cuidado com a organização do espaço ao final da atividade. Durante a exploração, as crianças amassaram, moldaram, pisaram e tocaram a argila de diferentes formas, evidenciando interesse, iniciativa e criatividade. Observou-se a expressão de múltiplas linguagens, incluindo a corporal, a tático e a visual, além de interações sociais e comportamentos de descoberta que revelam o desenvolvimento integral proporcionado pela experiência.

O registro das atividades foi realizado por meio de observações escritas e registros fotográficos, permitindo documentar os movimentos, as descobertas e as interações das crianças com o material. Essa metodologia possibilitou compreender como a exploração da argila favorece a percepção sensorial, a coordenação motora, a criatividade e a autonomia, reafirmando a importância de práticas pedagógicas que integrem liberdade, intencionalidade e mediação sensível do educador.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Os elementos naturais e a exploração sensorial na infância

O contato da criança com elementos naturais constitui um eixo fundamental para a construção de conhecimento na primeira infância. Desde os primeiros meses, os sentidos são os canais primordiais de exploração, e a manipulação de materiais naturais permite que a criança experimente texturas, pesos, formas e temperaturas diversas, desenvolvendo percepção, coordenação motora e habilidades cognitivas de forma integrada (PIAGET, 1976; WALLON, 1995).

Materiais como argila, areia, água e folhas oferecem oportunidades únicas de investigação e experimentação. A plasticidade da argila, por exemplo, permite que a criança amasse, molde, pressione e transforme o material, promovendo não apenas a exploração sensorial, mas também a expressão da imaginação e da criatividade (BORGES, 2018). Esse contato direto e ativo reforça a ideia de que a aprendizagem se dá pela experiência e pela interação com o ambiente, possibilitando à criança construir significados próprios a partir da observação e da experimentação.

Segundo Malaguzzi (1999), a criança possui múltiplas linguagens de expressão, as “cem linguagens”, que se manifestam simultaneamente durante a exploração do mundo. A interação com materiais naturais permite que essas linguagens se concretizem de maneira integrada, favorecendo a comunicação, o movimento, a expressão emocional, o pensamento crítico e a resolução de problemas. Além disso, a exploração coletiva desses materiais estimula a cooperação, o compartilhamento e a construção de brincadeiras colaborativas, fortalecendo vínculos sociais e afetivos desde os primeiros anos de vida.

A exploração sensorial com elementos naturais também contribui para o reconhecimento de si como sujeito. Crianças de 1 e 2 anos estão em processo de percepção da própria agência, descobrindo que podem provocar mudanças no ambiente e nos objetos com suas ações. Essa tomada de consciência fortalece a autonomia, a confiança e a identidade, permitindo que cada criança se perceba como protagonista de suas descobertas e aprendizagens (WALLON, 1995; EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016).

Além do desenvolvimento motor e cognitivo, o contato com a natureza e com materiais não estruturados favorece a dimensão estética e emocional da experiência

infantil. A possibilidade de explorar, criar e transformar reforça a sensibilidade, a criatividade e a imaginação, aspectos essenciais para a formação integral da criança, como apontam estudos recentes sobre pedagogia da infância (BORG, 2018; PIAGET, 1976).

### **O adulto como mediador**

O educador, ao organizar, mediar e observar as experiências com elementos naturais, atua como facilitador do aprendizado sensorial, respeitando o ritmo e os interesses de cada criança. Essa mediação envolve a preparação do espaço, a seleção de materiais adequados à faixa etária, a segurança do ambiente e a atenção contínua às descobertas e interações das crianças (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016).

A prática reflexiva do educador permite compreender o desenvolvimento individual e coletivo das crianças, identificar avanços na coordenação motora, nas interações sociais e na exploração sensorial, além de registrar comportamentos, descobertas e diferentes formas de expressão (SÁ, 2007). Rinaldi (2009) reforça que o educador deve atuar de forma sensível, criando oportunidades para que a criança investigue, experimente e construa conhecimento por conta própria, favorecendo o protagonismo infantil.

O papel do educador também inclui a promoção da socialização e da colaboração, incentivando o compartilhamento de descobertas e a construção coletiva de significados. Essa mediação sensível fortalece vínculos afetivos e amplia o repertório de experiências da criança, permitindo que a exploração sensorial não seja apenas motora ou cognitiva, mas uma experiência significativa, integrada e transformadora (BRASIL, 2009; MALAGUZZI, 1999).

Finalmente, o educador contribui para que o espaço se transforme em ambiente de aprendizagem e descoberta. Ao organizar materiais, propor desafios e observar atentamente as respostas das crianças, o professor garante que a exploração com elementos naturais se torne fonte de conhecimento, expressão e prazer, consolidando a importância de práticas pedagógicas que valorizem a autonomia, a criatividade e a experiência sensorial na primeira infância (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016; BORG, 2018).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante as sessões de exploração com argila, foi possível observar que cada criança interagia com o material de maneira única, revelando suas preferências, interesses e ritmos individuais. As crianças de 1 ano demonstraram inicialmente mais proximidade ao educador, buscando segurança e apoio na manipulação do material. Com o passar das sessões, algumas dessas crianças começaram a explorar de forma mais independente, tocando, apertando e moldando pequenas porções de argila, evidenciando avanços na coordenação motora fina e no controle de gestos.

As crianças de 2 anos, por sua vez, apresentaram maior autonomia desde o início, deslocando-se livremente pelo espaço, amassando grandes porções de argila, moldando formas e combinando movimentos corporais com as descobertas sensoriais. Algumas criavam padrões e texturas específicas, enquanto outras experimentavam movimentos mais espontâneos, como bater, deslizar ou apertar a argila com força, explorando propriedades como maleabilidade, resistência e textura. Essa diversidade de comportamentos confirma que o contato com materiais naturais favorece a expressão das “cem linguagens” da criança, conforme Malaguzzi (1999), estimulando a criatividade, o movimento, a percepção e a comunicação.

Outro aspecto relevante foi a interação social que emergiu naturalmente durante as sessões. Crianças compartilhavam espaços e descobertas, observavam o que os colegas faziam e muitas vezes imitavam ou complementavam as ações uns dos outros. Surgiam pequenas brincadeiras colaborativas, como dividir argila, construir formas conjuntas ou comparar texturas, revelando o desenvolvimento de competências socioafetivas, como cooperação, empatia e respeito às diferenças individuais. Esses resultados reforçam a ideia de que a exploração sensorial não ocorre apenas de maneira individual, mas também por meio de relações sociais significativas (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016; BRASIL, 2009).

A observação detalhada permitiu notar ainda que a exploração da argila promovia experiências estéticas e emocionais, despertando encantamento, curiosidade e prazer. Sorrisos, risadas, gestos de surpresa e concentração eram frequentes, evidenciando o engajamento afetivo das crianças. Essa dimensão sensorial e estética se relaciona diretamente com a aprendizagem significativa, pois a criança associa o prazer da descoberta com o conhecimento sobre texturas, formas e transformações do material (BORGES, 2018).

A presença do educador como mediador foi fundamental para potencializar essas experiências. O professor organizou o espaço, garantiu segurança, ofereceu suporte

quando necessário e, ao mesmo tempo, respeitou o ritmo de cada criança, permitindo que conduzissem suas próprias descobertas. A mediação sensível reforçou a autonomia, estimulou o protagonismo infantil e garantiu que o ambiente se tornasse um espaço de aprendizagem, exploração e expressão integral (RINALDI, 2009; EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016).

Por fim, os resultados evidenciam que a exploração sensorial com materiais naturais é uma estratégia pedagógica que integra múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil: cognitiva, motora, emocional e social. Além disso, confirma que experiências práticas e livres, mediadas por educadores atentos e intencionais, fortalecem a identidade das crianças, promovem descobertas significativas e ampliam a compreensão sobre si mesmas e sobre o mundo à sua volta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O relato de experiência evidenciou que a exploração de argila na Educação Infantil é uma prática pedagógica que favorece a expressão de múltiplas linguagens, a autonomia e a construção de conhecimento pelas próprias crianças. A manipulação livre do material natural possibilitou descobertas sensoriais, avanços na coordenação motora e o desenvolvimento de interações sociais significativas, destacando a importância do brincar como eixo estruturante do currículo e direito fundamental da criança (BRASIL, 2009).

Observou-se que o papel do educador é central, não apenas na organização do espaço e seleção de materiais, mas também na mediação sensível, permitindo que as crianças conduzam suas próprias experiências e se reconheçam como sujeitos ativos de sua aprendizagem. Essa prática pedagógica promove ambientes ricos em estímulos, que fortalecem a criatividade, a percepção e a imaginação, reforçando o conceito das cem linguagens de Malaguzzi (1999).

Por fim, o estudo aponta para a relevância de experiências sensoriais com elementos naturais como estratégias pedagógicas na primeira infância, incentivando futuras pesquisas que explorem diferentes materiais, contextos e faixas etárias, a fim de ampliar a compreensão sobre o papel do ambiente, do educador e da exploração sensorial no desenvolvimento integral da criança. Tais pesquisas podem subsidiar a prática docente e contribuir para a construção de propostas educativas cada vez mais sensíveis, criativas e significativas.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2009.

**EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação.** Porto Alegre: Penso, 2016.

**RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender.** São Paulo: Paz & Terra, 2009.

**BORGO, C. A argila como recurso pedagógico na Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2018.

**SÁ, E. Metodologia do relato de experiência.** São Paulo: Cortez, 2007.

**DEWEY, John. Arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

**WALLON, H. Psicologia e Educação da Criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.